



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

17 DE SETEMBRO DE 1960
ANO XVI — N.º 431 Preço \$300

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Americo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aqui LISBOA

Não há ninguém que tanto se deixe influenciar pelo amor ou pelo ódio como a criança. Talvez porque lhe falte aquele discernimento equilibrado do valor dos homens e das coisas, ou simplesmente o amadurecimento, as crianças são de extremos.

Para não avançar mais... temos o Moreno que se deitou a um poço, quando se viu abandonado dos pais; ou o Redondo retirado sem fala e arroxado da corda que pôs ao pescoço, porque a mãe tinha tomado outro homem e agora era maltratado. Por outro lado como se compreende que aquela criança vadia, viciada e maliciosa em tudo o que diz e faz, entre em nossas Casas e mude automaticamente? Como é que elas se prendem numa casa sem prisões nem portas? É sentindo-se amados. Por exemplo o nosso «Flausino» saído teimosamente da Mitra, uma vez posto aqui tem sido um rapaz sempre alegre e disposto ao trabalho. Os dois da Estrela que fugiram a chorar quando apareci em casa da tia para os trazer... Hoje lê-se-lhes felicidade nos olhos. E o Sarilho? Tem sido um dos rapazes mais difíceis. O nome exprime a realidade. Ele até com o chefe. Há dias era uma faca da cozinha que levantava ameaçadora. Pois Sarilho está a mudar. Quando há tempos a «Senhora do Sábado» esteve muito mal, eles sentiram por isso mesmo como e quanto ela os ama. De vez em quando iam lá visitá-la por estar pertinho daqui. Pois quando chegou a vez do Sarilho, foi sózinho. Mais importância e mais interesse. Naqueles dias não tinha andado bem. Ora ele viu lágrimas nos olhos dela, e viu quanto gosta dele e de todos e também chorou. E chorou de veras. À noite ao passar para a Capela abeirou-se para me falar. E falou, falou. E disse-me coisas que nunca dissera a ninguém. Aquilo foi um esvaziar voluntário e cuidadoso de todo o mal que andava dentro. Foram duas horas calmas, no silêncio da noite, de conversa interessada e proveitosa.

Se tu leitor avaliasses o que é curar as feridas da alma destes pequeninos, como

apoiarias com a tua ajuda quem o faz por vezes tão preocupado com outros problemas que perante este deviam não existir.

Se há heroísmos de alma, se há pessoas verdadeiramente sãs, como o devem agradecer a Deus!

Pois o Sarilho tem vergado notoriamente ao carinho sentido. E como ele muitos. Cada um consoante. Até eu! Até eu que há dias andava desalentado! A gente é conforme nos obrigam, ou antes, nos ajudam a ser. Eu contava muito com os peditórios das praias para ajuda da nossa máquina da Tipografia que vai ficar para além dos duzentos, e nada. Só Estoril e Oeiras nos abriram as portas. Mas foi em Oeiras. Correu com tantas manifestações de carinho que foi realmente consolador. Até os senhores Padres que celebraram puseram no saco. E no fim, ao agradecer ao Senhor Prior, até foi ele que nos agradeceu. E mandou-me ir lá mais vezes no ano. Ficou assente.

Pois soube-me tão bem isto! Não como feito a mim apenas, mas aos meus rapazes. Saber eu que por outros lados, naquele e noutros dias têm sido ameaçados, proibidos, escorraçados como cães sem acaime... Não há domingo de venda que não traga queixa. Freguesias há que têm aqui vários rapazes e nem a mim pedir, nem a eles vender o jornal deixam! Estas humilhações valem porque me fazem acreditar com Fé mais profunda e verdadeira nAquele de quem estes rapazes são. Mas são tão perniciosas, quanto estes rapazes sentem a injustiça e o desamor de tais atitudes!

O Senhor Prior de Oeiras, deixe-me beijar-lhe as mãos.

Padre José Maria

ÁFRICA

TEM sido aqui como lá. Nos dias de avião é a alvorçada expectativa do que nos trará o correio do Ultramar. Em cada carta nós revemos um bocadinho do que tivemos oportunidade de conhecer.

É a pessoa; é a terra; é qualquer coisa que nessa terra mais nos impressionou; é, mesmo, aquele lugar onde não fomos, mas que ficámos sabendo onde é, e que imaginamos com um realismo que a analogia agora nos permite como antes não.

Ver — dá reacções tão diferentes das do conhecimento teórico, feito por leitura ou outro material de gabinete; é tão diferente, mesmo para as pessoas mais capazes de abstracção!...

Nós próprios, Júlio e eu temos pena de ter visto pouco e tão apressadamente. Ainda assim contactámos com pessoas de muitos níveis, de muitas profissões, de variada mentalidade, dos mais diversos graus de responsabilidade.

A aviação foi o principal meio de nos movermos; mas deram-nos também oportunidade de conhecer, cá em baixo, algumas vias de comunicação — portanto a sua qualidade e as regiões que servem.

Não podemos, pois, pensar — nem pensamos — que trazemos em nós, amadurecidas, ideias e sentimentos de africanistas veteranos. Podemos, sim, testemunhar que «África tem feitiço»; que deixa em nós anseio de aprofundar; que tal como o paladar habituado a especiarias: quanto mais, mais intensas as deseja no tempero — assim também o conhecimento e o interesse por África: tanto maiores quanto mais vamos conhecendo e reconhecendo o seu valor.

Do Evangelho

Jesus, erguendo os olhos para os seus discípulos, pôs-se a dizer:

«Felizes de vós, os pobres, porque é vosso o Reino de Deus.

Felizes de vós, os que tendes agora fome, porque sereis saciados. Felizes de vós, os que chorais agora, porque haveis de rir.

Felizes sereis quando os homens vos odiarem e quando vos rejeitarem, vos insultarem e prosciverem o vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, pois é grande no Céu a vossa recompensa. Desse modo, efectivamente, é que procediam os pais deles com os profetas.

Mas ai de vós, os ricos, porque recebeis a vossa consolação.

Ai de vós, os que estais agora fartos, porque haveis de ter fome. Ai de vós, os que rides agora, porque haveis de entristecer-vos e chorar.

Ai de vós, quando todos os homens de vós disserem bem. Desse modo, efectivamente, é que procediam os pais deles com os falsos profetas.

Mas eu digo-vos a vós, que me ouvís: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam; bendizei os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos maltratam».

Lucas 6-20-28

TRIBUNA DE COIMBRA

Já desde a Páscoa que não damos contas aos nossos queridos leitores. No mês de Maio andámos a semear pelas Igrejas de Coimbra, e em Agosto foi nas Praias e Termas do centro de Portugal. Andámos a semear, sim. Nós vamos levar a semente da inquirição e do amor.

Vamos por missão e por dever. Se a colheita não for abundante não é da nossa conta. Da nossa conta é semear a boa semente. Isso nos basta. O resto é obra divina.

Em recompensa, os cristãos nossos ouvintes deixaram nas nossas sacas e na minha capa muitos actos de amor e o resultado de muitas renúncias e muitas lágrimas que vimos nos olhos. Embora o que nos deram fosse material, não deixa de ser a expressão do culto do Amor de Deus na alma de cada um.

Em Coimbra deram-nos: 7.900\$ em Santa Cruz; 1.200\$ em S. Bartolomeu; 4.600\$ na Sé Nova; 4.500\$ na Sé Velha; 1.700\$ em Celas; 1.600\$ em Santo António; 3.300\$ em São José.

Em Monte Real deixaram-nos 3.800\$ e muitos medicamentos na Farmácia; 3.300\$ em S. Pedro Muel; 7.700\$ em S. Martinho do Porto; 6.200\$ no Luço; 20 contos na Figueira.

Nós vivemos sempre e queremos viver destas migalhas. Migalhas que todas juntas dão para matar a fome aos que sentamos à mesa quatro vezes ao dia e a todos os que sabemos sem ele.

Outro encanto de grandeza de que não calculamos a dimensão é o que vai chegando dia a dia. Geralmente vem sempre acompanhado dum hino de amor, ou acção de graças ou súplica confiante. Um cântico divino em carta e acompanhado de cem, de uma Professora da Aldeia; vinte para o Calvário, por alma querida: 200 e B. F. de Amiga que nunca esquece as datas festivas; vinte na Sé Nova, do senhor que costuma sempre que me vê; 500 de visitantes; 200 e pneus usados, levados ao Lar; 150 levados ao mesmo; medicamentos e mimos, do mesmo modo. Quanto continua na página dois

Tribuna DE Coimbra

continuação da página um

amor esta distinta Família nos tem dedicado! Vinte da Figueira; cem dum sacerdote; um embrulho no Castelo; materiais usados de construção. Que bom se todos os conimbricenses se lembrassem de nos dar o que têm em casa abandonado e que tanto podia prestar em nossa casa. Materiais de construção; materiais para as nossas oficinas, já tão variadas, mobílias usadas, roupas fora do uso... — tudo. Tudo serve para uma Casa do Gaiato.

50 mais 20 mais 60 mais 50 aos vendedores em Coimbra; pneus usados da Auto-Industrial. Nós temos lugar muito especial no coração dos senhores desta Casa e eles também o têm no nosso. Qualquer dia atrevemo-nos a pedir-lhes aço usado de molas para serviço da nossa seralharria. Embrulho no Castelo; 50 à porta de Santa Cruz; 420 deixados na mesma Igreja. Em dias de aflição vou por ali muitas vezes a ver se alguém me vê. 50 na Sertã, de médico muito amigo; 20 de visitantes; sapatos usados, no Castelo; roupas usadas e sapatos; 190 de visitantes da Sé Velha. Migalhas e gotas de suor daquela gente pobre. 132\$50 dum quieto entre amigos; 50 que me entregou uma pequenina, à porta de casa. Gostei tanto! E se foi o Pai ou a Mãe que mandou, ainda mais. Mil em acção de graças. Não há como depôr confiadamente a nossa vida e vontade na Vontade de Deus. 120 em Castelo Branco; cem a um vendedor; o mesmo de visitantes; 50 de um Vilanovense em férias; 300 das Amiguinhas de sempre. Eu hei-de pedir-lhes para as conhecer; 230 e a visita tão amiga dos alunos da Escola do Magistério, entre os quais vinham os nossos dois; 70 para azeite; roupa; cem no Lar; 250 da Escola Comercial; 120, dinheiros abandonados num estabelecimento. Todas as pessoas delicadas de consciência sabem que não podem ficar com aquilo que encontram e, senão aparecer o dono, podem entregar para fins de caridade. Cem de um Sacerdote; a caixinha de mealheiro das meninas do Colégio de Tomar; azeite de Tomar; 50 de promessa; pneus usados, na Figueira; cem deixados nas festas da Vila de Miranda; 400 e bolos e a visita do Asilo de Misericórdia de Santarém; louças de Sacavém; 50 de visitantes; um cobertor de Loriga. 200 levados por um casal ao nosso Lar; 420 entregues à Senhora do nosso Lar; um centro de assistência médica; 50 da Figueira, entregues a um dos nossos; 500 e mimos de um Mirandense apaixonado por nós no dia do casamento da filha; dois cobertores e 100\$ de Monte Real.

E na próxima tem a palavra a Praia de Mira.

Padre Horácio

30.000 x 20\$ = 50 casas

Eu não queria, por nada, que secasse este regatozinho que junta para o rio do Património. Foi uma ideia feliz, porque fácil para muitos. Foi bem correspondida no princípio. Eu creio que a razão do torpor que ora se verifica é a que nos dá uma leitora, por estas palavras:

«Há muito que queria mandar os 20\$00 prá Campanha, mas há sempre uma desculpa, uma apatia que não nos deixa realizar o que queríamos, e por tal peço perdão».

Ora aqui está: **apatia** — um mal de que tanta gente sofre, e ainda mais grave do que antipatia, porque lhe falta polaridade.

Porque não hão-de os senhores experimentar a impressão que estoutro assinante confessa?... «Sinto-me feliz assim, dando o que poderá servir para ajudar a viver os nossos Irmãos necessitados». E o mesmo acrescenta, como que a justificar a sua perseverança: «O coração fica-nos sempre preso às coisas que semeámos».

Eu gosto muito destas colunas, que na nossa gíria apelidamos de **maises!** Gosto! Gosto, por causa dos desabafos tão sinceros, tão espontâneos, tão cheios de confiança em Deus e de beleza revelada, que nos fazem lembrar versões livres dos salmos de David!

Escutem este médico, ao enviar 150\$ «da minha dívida mensal, que me propuz pagar enquanto Deus assim o quiser»:

«Agora peço-lhe um favor: Que rogue a Deus que encaminhe os meus pensamentos, palavras e acções para Ele; e que me tire, se fôr da Sua vontade, o sofrimento que actualmente tenho». Quem sabe se não é este sofrimento, justamente, o que encaminha pa-

ra Deus os seus pensamentos, palavras e acções?...

Alguém do Porto, que deve ser matemático, manda 240\$ e: «A importância é divisível por 20, o que poderia sugerir o destino dar-lhe — a Campanha de construção de casas, traduzida pela identidade simples e elegante:

30.000 x 20\$00 = 50 casas.

Mas, mesmo merecendo esta Campanha o meu carinhoso aplauso, eu não quero dar-lhe qualquer afectação, isto é, não desejo marcar-lhe o rumo».

Aquelas notas de «desculpa pelo grande atrazo»; de «venho com a minha parte e a dos meus três filhos, mais a de uma pessoa de família que vive connosco»; de «não posso deixar de fazer a **desobriga** no dia do aniversário da morte da minha Mãe, com Quem aprendi a sublime virtude de dar»; de «mais vale tarde do que nunca... Aí vão as nossas pedras e que já há muito deviam ter sido entregues e não o foram porque nem sempre nos lembramos de retribuímos de alguma maneira as Graças que Deus tão generosamente nos tem dado» — estas notas e outras consoantes, são tocadas desde que a Campanha começou... e continuam.

Não faltam, também, as de sacrifício heróico como esta de um reformado Ele ainda pede «desculpa de ser tão pouco»: 20. E justifica-se com a sua «boa vontade».

Heróis que o mundo desconhece e não merece! Quem pode duvidar das graças que eles nos conseguem? «Dens abençõe a Casa do Gaiato e nos dê saúde para comprar o Jornal e, de vez em quando, poder dar alguma coisa para

★ BELEM ★

Aí estamos outra vez no tempo das colheitas! E como é agradável colher! Quanto mais suor nos custou a sementeira tanto mais saborosos sentimos os frutos!

Por enquanto, vivemos em casa arrendada, dentro de quinta que não nos pertence, sem palmo de terra onde posamos semear para colher. Por isso suspiramos por quinta nossa, que Deus há-de mandar na altura própria.

Entretanto as belenitas não se furtam a tomar parte nos trabalhos de colheita que se fazem dentro da quinta que imprópriamente, às vezes, chamamos «nossa». Antes o fazemos com grande alegria.

O ano passado era assim. O Senhor Adelino chegava com uma carrada de milho e despejava na eira, mesmo em frente da nossa casa. Então as pequenas saltavam de contentes e, se era tempo de recreio, ou conseguiam dispensa de outros trabalhos, corriam a fazer roda à volta do monte das espigas e toca a descamisar nelas. Quase sempre se juntavam ao rancho os quatro filhos mais novos do casal e alguma das duas filhas mais velhas. Esta é que tomava à sua conta as belenitas e o Senhor Adelino mais a Senhora Maria lá iam mantendo a ordem o melhor que podiam. Era a verdadeira alegria das desfolhadas portuguesas. Cantigas não faltavam:

Ó rio não te queixes,
Aí que o sabão não mata.

ajuda dessa notável Obra». Ó preciosa benção!

Vamos lá, pois, a pensar e não consintamos mais, que após três meses de silêncio, a Campanha fale assim, a este nível espiritual — é certo! — mas pela voz de tão poucos que, expressa em números, não passa dos 1.650\$00.

Ai até lava os peixes
E põe-nos cor de prata!

Isto de as pequenas poderem conviver tão intimamente com uma família de gente pobre, mas de vida moral irrepreensível é uma grande graça de Deus que elas ainda não sabem apreciar devidamente. É aprendizagem prática de como se pode viver do trabalho, honradamente, de cabeça levantada diante da Sociedade e fiel aos mandamentos do Senhor nosso Deus a Quem teremos um dia de prestar contas.

A nossa convivência do dia a dia com esta família de ceseiros a quem devemos valiosa ajuda, tem sido geradora de verdadeira amizade. E esta amizade estreitou-se mais com a vinda para Belém da Olinda, filha mais velha do casal. Moça de vinte e poucos anos, forte e saudável, tornou-se a mestra das belenitas na cozinha e no lavadouro, ao mesmo tempo que o vigor do seu braço supre o que falta à tenra idade das pequenas.

A Olinda deu-se à Obra por amor de Deus, para ajudar a salvar e a preparar para a vida todas estas crianças e as mais que vierem. Mas Deus nunca se deixou vencer em generosidade e quem nEle confiou jamais será confundido. Ele nunca lhe faltará com a Sua graça, nem aos pais, a quem ela tanta falta deixou, mas que souberam esquecer-se de si próprios a ponto de ficarem verdadeiramente contentes com o rumo que a filha resolveu dar à sua vida.

Belo exemplo este de fé e confiança em Deus!

Mas, voltando ao assunto das colheitas, devo dizer que o dia mais feliz para as belenitas foi aquele em que a Senhora da nossa quinta as veio convidar para as vindimas.

Eu até fiquei uns segundos a olhar para a Senhora, receosa de que ela não tivesse medido bem as consequências... Meter um rancho destes na vinha! Algumas nem sequer nunca tinham visto uvas suspensas da mãe videira!... Fiz-lho notar, mas a Senhora sorriu e disse que sabia muito bem o que ia acontecer e que era isso mesmo ó que pretendia.

Depressa a pequenada se pôs em campo. Foi um farto-te! Mas eu também paguei as consequências, com alguns trabalhos que as mais pequeninas me deram. Foi uma alegria!

Cantavam, cantavam e só se calavam quando mastigavam. Os cestos também se iam enchendo e despejando no lagar.

Também vindimámos para nós uma grande canastra delas. A Sãozita ia correndo de videira em videira e puxava-me pela saia: «Olhe estes, que

Atenção assinantes de Angola e Moçambique

Graças a Deus, dias de correio do Ultramar são dias de trabalho para os da Administração do Famoso. Muitas listas das que deixámos, aí vêm, cheias de nomes e, às vezes, o dinheirinho à frente. E quantas pessoas ficaram a trabalhar e ainda não mandaram os seus recados!...

Ora uma das dificuldades que quase todos os assinantes puseram foi a do pagamento, dada a dificuldade de transferências de dinheiros.

Mas como factos são factos... tratámos de arranjar um modo que nos parece fácil para a liquidação das assinaturas: Em Angola os Senhores Assinantes farão o favor de depositar na conta *Casa do Gaiato* que deixámos aberta no Banco de Angola, em Luanda. As pessoas de fora de Luanda podem fazer os seus depósitos sobre a sede, nas filiais do mesmo Banco nas localidades mais próximas de si.

Esperamos que o Banco não cobre a taxa destas transferências, tal como nos fez quando da nossa visita àquela Província.

Em Moçambique ficou conta aberta no Ultramarino em Lourenço Marques e Beira sob o nome *Casa do Gaiato*. Os Assinantes das duas cidades, já sabem. Os das outras terras fazem da mesma sorte: depositam nas agências mais próximas sobre Lourenço Marques ou Beira.

Esperamos do B.N.U.,

quanto às taxas de transferência, o mesmo que já dissémos esperar do Banco de Angola.

Uns e outros basta mandarem-nos os talões de depósito com o nome do assinante tal qual recebe o «Gaiato», que nós já sabemos do que se trata.

Creio que assim será fácil para todos.

E contamos que os Conselhos de Câmbios também nos não hão-de complicar a vida!

IMPRESSÕES D'ÁFRICA

Assim como em 1952, quando acompanhei Pai Américo, assim agora. Trazemos o coração cheio. Cheinho do que vimos e ouvimos e apalpamos. África prende. Cria em nós outros horizontes. E perde-se a noção das distâncias — Angola 14 vezes maior que a Metrópole, Moçambique 3! Por isso, não é de impressionar que a mentalidade do português ultramarino, particularmente o que vive já por lá quase uma vida, seja muito mais aberta, mais franca, mais límpida que a do plantado neste cantinho.

Ali respira-se portuguesismo. Sente-se um amor mais forte pelo que é nosso. Compreende-se melhor o que podemos e devíamos fazer.

Angola 14 e Moçambique 9 vezes maior que a Metrópole! Um mundo inexplorado aguardando ocupação!!

Já lá vai o tempo em que qualquer colono era disputado no porto onde chegasse. Agora, felizmente, o ramo comercial e industrial, e até agrícola, prefere todo aquele que tenha um certo grau de

cultura técnica. Isto é um índice esplêndido, de grandes possibilidades pró futuro. E quicá derivado do número crescente de gente que resolve partir rumo a África, sem preparação. Ora é um mal gravíssimo que do muito que se diz e escreve não se propague, não se eselareça que África precisa de gente preparada — e, quem dera! — com espírito de missão. Mas precisa — sobretudo — que o Capital, em vez de confiar aqui aos Bancos suas reservas, siga para África, sem comodismo, sem medo — que o medo não é português — e crie ou desenvolva fontes de trabalho suficientes para consumirem o caudal dos que para lá se dirijam, crescente em face da exiguidade metropolitana. É tempo de espírito realizador e social — como ensinam as Encíclicas. Angola e Moçambique são duas artérias — as principais — da nossa sobrevivência. Ali é Portugal. Ali está o presente e o futuro da nossa querida Pátria. Ali está o presente e o futuro de centenas e centenas de milhares de portugueses.

Júlio Mendes

lindos! Corte! Corte! Olhe mais e mais! Que lindos! Que lindos!»!

E batia as mãos de contente.

Andaram as pequenas nisto várias horas e a Senhora ia dizendo às mais velhas que trabalhassem muito para a vindima ficar pronta à noite.

Como várias precisassem dum boa barreira antes de irem para a cama, ao cair da tarde chamei-as! Qual não foi, porém, o meu espanto quando à noitinha, a Senhora me bate à porta, com uma nota de 50 para pagar o trabalho das minhas filhas. Fiquei confundida e cheia de pena por não ter deixado andar as mais velhas até ao fim.

«É para as entusiasmar e

lhes dar gosto pelo trabalho» — explicou.

No fim do jantar, eu quis levá-las a descobrir a razão daquele convite. Depois de breves considerações, uma das mais velhas concluiu:

«A Senhora convidou-nos para a vindima porque nós nunca tocámos nas uvas».

Resultado: este ano não houve o mais leve dissabor por causa das ditas, que lá se encontram ainda, espreitando por entre as folhas da mãe videira.

Saiba, minha Senhora, que as mais antigas não mais se cansam de contar às mais novas o que foi a alegria da vindima do ano passado...

Inês



Dantes o lixo, a escória. Hoje a alegria e amor!

CHALES DE ORDINS

Tínhamos visto com o leitor o rés-do-chão da Casa de Jesus Misericordioso, onde estão localizados o escritório, consultório médico e sala de espera dos doentes, sanitário, sala dos teares e o armazém dos chales.

Subamos hoje os dois lances de escada, iluminadas por um amplo janelão, que nos levam ao recanto de costura, situado no 1.º andar. O local é bem iluminado e arejado. Não se pode, porém, dizer demasiadamente grande. Mesmo assim, nos quatro bancos-arcas podem 16 meninas instalar-se comodamente e, com um pouco de boa vontade, devem caber, até, as 20 e tal, que, por vezes, aparecem a aprender malhas, rendas e costura.

Sómente em Outubro, teremos a funcionar as máquinas de tricotar. Certamente não serão já para as nossas pequenitas, que, dentro em pouco, as estragariam. Para estas e para todas, antes do mais, há muito que aprender com duas agulhas. Num mostruário que temos, já sobem a mais de 50 as amostras de pontos. Não suspeitava que fosse possível tanta variedade. Temos uma grande quantidade de camisolas e outros artefactos de lã, mas, até hoje, só quase a Senhora das Camisolas (Lisboa) tem vindo por elas. As nossas pequenitas vão, no entanto trabalhando e esperando pelo dia da inauguração da Casa, onde, então, serão expostas e vendidas.

★

Os Chales estão quase parados. Mesmo assim, vieram por eles o Porto e Olhalvo. Para Alte (Algarve) foram três grandes. Trata-se duma lembrança do Luso (Angola), em que também não ficou esquecida esta Casa com 100\$00.

Écharpe para o Calvário e a Senhora do chale mensal (Lisboa), que vai fazendo provisão para o inverno. «Agora não são apetecidos, mas quando o frio chegar são bem queridos dos pobrezinhos».

Selos e novelos vão chegando devagarinho... De «uma Guidinha portuense» uma «migalhinhum uoa reuopuog inba la A nha». E «sempre que possa, estarei presente». Cá a espero. Uma Maria da Saudade trouxe 5 selos «para que Deus me ajude a subir a minha cruz ao Calvário». Tantos a fugir da Cruz! Mas esta Maria sabe que sem Calvário não há Ressurreição e Ascensão!

Não sei donde, uma «pobre pecadora» trouxe quatro vezes mais. Há perfume nas linhas desta carta. «Como tinha prometido, logo que me fosse possível» parece uma frase banal, mas não é. Muitos podem, mas fogem do prometer, para não terem que cumprir. Julgam-se assim mais perfeitos que os que prometem e não cumprem. Mas se podem... porque não o prometer? E porque não cumprir? Quanto sacrifício teve

para dar os seus 20\$! Sacrificando-se, encontrou alegria. «É pouquinho, mas é dado com toda a boa vontade e com pena por não poder ser mais». De Matosinhos, 10 selos de quem nos vem visitando e podia, antes, ficar parado, pelos gastos em médico e farmácia.

Nem falta desta vez a «Avó de Moscovide» com outro tanto, nem uma Alentejana com 8 novelos. A Maria do Descanso, de Coimbra, trouxe 20\$. Faço votos para que deixe de ser «uma que guarda sempre para amanhã o que podia fazer hoje». Quero-a ver mais por cá. Apareça.

Sr. P.e Carlos andou pelas

Áfricas Portuguesas em viagem bem rápida. Do Sr. Cruz da Beira trouxe-me 500\$. Outro tanto me chegou da Comissão Municipal de Assistência de Penafiel. E finalmente de Peso da Régua a quinta parte.

Ora a nossa conta:
Estávamos com 24.060\$30
Materiais e viagens 449\$90

Deram-nos 1.277\$00

Só faltam 23.233\$20

Eis a nossa dívida, que esperamos saldar antes de findar o corrente ano, se Deus nos ajudar.

Padre Aires



CALVÁRIO



SENTADA no leito, ponteira roupa usada. Ao lado, a filha, de olhar vivo, mas nostálgico, guarda silêncio, sem vontade de o quebrar.

O compartimento de reduzidas dimensões não deixa respirar convenientemente, nem oferta alegria de viver. Associa-se ao drama estampado no rosto de quem costura cabisbaixa.

Espassadamente, oiço a narração pormenorizada de como surgiu este viver.

Casa. Vive em enlevo os primeiros tempos. É mãe desta pequenita, encanto e conforto nos espinhos que a vida faz brotar. Entretanto adoece. Paraliza dos membros inferiores e perde o andar. Tentativas baldadas de recuperação, matam a esperança. O marido, fugindo aos encargos familiares, some-se nas ruas íngremes e barulhentas do Porto, deixando no lar desfeito a viuvez e a orfanidade forçadas. A pobre doente vê-se a braços com a situação. Clama. Brada. Mas é «vívua».

Aceita mão carinhosa que a ampara. E deste modo pode alugar o quartito que lhe é garantido a troco de renda semanal. Contudo, a incerteza e a aflição dominam-lhe o espírito. Não vê modo de sair do infortúnio. Julga-se infeliz. É sempre muito difícil levantar o olhar, quando a miséria nos ronda a porta! A miséria cega. Corta os voos que o espírito possa pretender.

Entretanto, o Calvário recebe-a. Muitos outros doentes precisam ainda destes braços úteis. E o trabalho, a dedicação aos outros, ainda mais doentes imerecidamente, far-lhe-ão esquecer a infelicidade de que se julga vítima.

Padre Baptista

P. S.

Do Evangelho

Quando Jesus acabou estes discursos, partiu da Galileia e veio para o território da Judeia, além-Jordão. Seguiram-no grandes Multidões e lá os curou.

Então aproximaram-se dEle, para O experimentarem, uns fariseus que disseram. «É permitido a um homem repudiar a sua mulher por qualquer motivo?» Disse Ele em resposta: «Não lestes que o Criador, ao princípio, os fez macho e fêmea, dizendo: Por causa disso, deixará o homem pai e mãe; ligar-se-à a sua mulher e passarão os dois a ser uma só carne? De sorte que já não são dois, mas uma só carne. Aquilo pois que Deus uniu não o separe o homem».

Mateus 19, 1-6



SETUBAL

Veio há dias de Lisboa um postal que havia de ser gravado em larga lápide e colocado em todos os lugares onde os homens se reúnem e em todas as vias por onde passam. É um farol. É o Evangelho na sua pureza integral. É o desprendimento cristão. E não é mais nada.

Vem de Lisboa. Não sei de quem se trata. É de alguém que trabalha e sofre a servir.

Ela havia de ir para a praia mas não foi. Ao dinheiro economizado juntou o ganho no mês de descanso a que tinha direito e que foi de trabalho. E «ai vai»: mil escudos. «Pra que você não tenha medo dos meses de Verão».

Uma doação total a Deus. O trabalho, o descanso, o dinheiro, o escondimento. Grandezas!

Eu estremei. E estremeço sempre que olho pró postal e peço a Deus que me faça estremeecer. É que é para isso. O Senhor nós te damos graças pela grandeza e sublimidade dos teus discípulos!

Esconda-se minha senhora e continue, sobretudo para glória de Deus Vivo. Ele há gente que nos parece às vezes mudar de Deus.

O Pai do Céu tem-me provado na Sua Providência e tem-me acarinhado muito mais que minha mãe. Às vezes é duro mas depois aparece tão suave! O Deus Vivo nós acreditamos na «Tua Paternidade Eterna».

De Moçambique o assinante 17.926 cem. A andorinha, uma senhora de Setúbal residente em

Lisboa, nunca nos esquece e todos os meses: ora cem, ora 50, ora vinte.

A um vendedor 30\$00. A senhora Viúva da Estrada dos Ciprestes manda 40 mensais por seu marido. Que Deus premeie este amor conjugal e o perpetue numa eternidade feliz. Por intermédio de uma senhora costureira 50 mensais duma subscritora de Setúbal. Eis uma maneira de nos ajudar muito a pouco e pouco: — subscritora. No C. Inglês duzentos. Uma pecadora por graça do P.e Cruz, 20. A esmola, diz a Escritura encobre a multidão de pecados. Duma professora do Liceu que veio passar um dia conosco duzentos e outro tanto doutra colega. Ele anda fogo no liceu e quem ateará é o corpo directivo e docente. Mais 50 das Caldas prá conferência. Mais cem mensais da anónima do «Setubalense» e roupas e livros. Mais de gente pobre que vem até nós em unção de peregrino pagar as suas promessas: 700

e pedido de 7 missas. Já celebrei. Em sufrágio de quatro almas, outros cem. Para que o verão não me meta medo. Uma modesta «Setubalense» de Lisboa, vinte. M. M. do Porto tem estado presente todos os meses com cem. Deus a avivente. Dum amigo de Setúbal que nos prometeu metade da telha prá nossas obras 2.500\$. Quem ajuda este amigo e nos tira de aflições dando a outra metade? Quem? Na Câmara alguém me chama e me põe nas mãos mil. Mais mil por bater à porta. Mais uma camioneta de lenha pelo mesmo motivo. Mais quinientos e mais mil dum padre pobre que vive pró pobres. Dois fretes do Porto de Mós a Setúbal. É o carregamento da nossa telha. Ainda me falta sete fretes. Se os tiver de pagar são novecentos cada. Hei-de bater à porta dos homens das camionetas. Mais frutas, feijão, conservas, paios, roupa, calçado e outros mimos dos nossos amigos por amor de Deus.

Falei na Caparica e deram-me 4.464\$50. Em Sines 2.093\$50. Em Sesimbra 3.950\$00 e em S. Julião de Setúbal 5.536\$00 É dinheiro de Cristãos posto no altar de Deus à Santa Missa.

Padre Acílio

de Agosto, está planeado, este ano, para os princípios de Outubro.

— No dia 13 de Agosto, o Senhor Padre Horácio completou 10 anos de Padre. Há, portanto, 10 anos que o Senhor Padre Horácio é da Obra da Rua. Neste dia, como era o último das Colónias, o Senhor Padre Horácio celebrou a missa na Senhora da Piedade de Tábuas para dar graças a Deus.

Nós temos também que agradecer a Deus por nos ter dado assim um Pai que nos conduz pelo caminho da verdade.

Horácio



PAÇO DE SOUSA

PATINS. É a tal coisa que nós sabemos. Precisávamos deles. Precisar é necessitar. Necessitar é não ter. Não ter é não ter. Esperamos que os estimados leitores se expliquem nos próximos tempos, para que o Sporting da Tipografia forme uma equipe quanto antes para não ficar atrás. Claro que os estimados leitores também não nos querem ver pelas ruas da amargura.

O rink está pronto. As nossas gentes já estão prontas há muito. Só patins é que nada na manga... Ainda vamos ser uns patinadores de alto lá com o charuto, mas primeiro, o «primeiro» que é o começar pelo princípio. É verdade ou não?

O «Marão» está velhote, portanto ascendeu ao trono e passou a dono «disto tudo», o «Dado». O «Dado», é o dado. Muita algazarra. Muito barulho. A aldeia anda sempre alegre com a juventude do novo sultão. Dantes estava preso, mas agora, como já manda e tem ordem para dar umas voltinhas, ninguém cabe com ele.

Está a acabar o terço e já ele se encontra preparado para a corrida final, à frente da muita miúda que logo desliza avenidas abaixo, em direcção aos seus aposentos. É deveras um quadro mui engraçado que não cansa nunca por mais que se veja.

FIGOS! Da Tipografia. As gentes costumam andar por baixo dela a namorar, mas de vez em quando entra o galeão e aí é que são elas. Ainda agora o Preto acabou de comer por medida de S. Miguel. Outros têm provado, que é para deixarem a figeira da Tipografia em paz e que os figos cresçam alguma coisa. É ou não, senhor Brasileiro e Camurra?

DELICADEZA! Boa tarde, Sejúlio. Adeus, Sealfredo. Está tudo em ordem? Como manda a sapatilha? O senhor Alfredo está tão cansado...

Isto são as tretas dos amigos dos cozinheiros, já se vê. Viver não custa. Uma escovadela, afinal fica barato, porque nos havemos de atraparlar? O Senhor Padre Carlos já proibiu estas histórias de compadres e delicadezas por interesse, mas por baxo da cortina, passa sempre muita coisa e as voltinhas e o rondar de asa pela cozinha não mais findam. Todos são amigos do seu amigo...

—Mais uma vez tivemos a alegria de abraçar o nosso amigo Senhor João Manuel que nos prometeu, logo que possa, trazer cá «A Voz dos Ridículos», na verdade um programa humorístico de elevada craveira que nos faz esquecer por breves momentos as grandes lutas da dura vida. Não se esqueça e lá vai um grande abraço para o Mena Matos, o imitador mais imitado em Portugal, António Santos, Ferreira da Cunha, Alberto Caldeira e todo o alegre conjunto que não nos cansamos de aplaudir...

—Lá vai uma. Lá vão duas. Lá vamos nós para os cinquenta mil. Por que não. Com jeito a coisa compõe-se. O que é preciso é que os estimados leitores não desanimem e botem pra cá que nós defendemos. Não podemos ir aos empurrões, mas a passo, embora lento, mas sempre certo, pois temos pressa. Vamos já encomendar uma rotativa que o tirará a muitas cores. E depois lá irá sempre com fatiota domingueira, todo जाता.

Por enquanto sonhamos e muito alto, mas se tu quiseres, depressa se tornará em realidade palpável. Mãos ao trabalho. Corações à vela. Conquistas de novos mundos...

Daniel



FACETAS DE UMA VIDA

continuação do número anterior

A fé, virtude sobrenatural que eu quisera sobremaneira incutir no seu grande espírito para melhor me fazer entender, é uma conquista do homem. Tem que ser um trabalho, uma conquista, um esforço, um mérito pessoal. Deus não falta com esta virtude, somente é preciso pedi-la. Também assim é na vida natural. Os nossos méritos supõem grandes cansaças. Se queremos merecer havemos primeiro de dar provas de que de facto merecemos. É da experiência de todos os dias. Jesus disse: — «Pedi e dar-se-vos-há; batei e abrir-se-vos-há». A maneira de pedir e bater é ORAR em espírito de humildade e recta intenção. Como preparar o espírito para orar em termos? Despindo as paixões; pondo a balança no fiel. As paixões não são um mal para ninguém desde que a inteligência e a vontade as saiba dominar. O homem pode sempre determinar-se, conquanto o entrave dos instintos e inclinações seja muito para considerar. Luta de gigantes, S. Procurar estabelecer em nós o equilíbrio da natureza, que perdemos com o demérito do primeiro homem, é a obra mais difícil do homem. E que paixões podem ser essas, que obstruem o canal das graças do Senhor? Muitas: excessivo amor às nossas opiniões; orgulho do nosso saber; apego exagerado aos cuidados e riquezas temporais etc. etc. Torno a dizer; no plano da vida natural dá-se o mesmo exactamente. As paixões empanam o nosso espírito. Não sabe como

fácilmente vemos virtudes nas pessoas que amamos e dificilmente reconhecemos merecimentos nas que odiamos? Estarei então a dizer que o S. tem que deixar a sua vida para se entregar todo à contemplação do que vai no mundo invisível? De maneira nenhuma. Isso é da obrigação dos profissionais. A sua profissão é outra e a sua missão é muito grande e muitíssimo meritória. Educar filhos para a sociedade e para Deus. É preceito do Senhor: — «crescei e multiplicai-vos». — Mas não esqueça também as leis do sacramento do Matrimónio e os racionalistas não querem ver: «a mulher foi feita para o homem e o que Deus fez não pode o homem desfazer». Não há divórcios no Evangelho. Os que por causa legítima se apartam, não mais se podem juntar, enquanto um dos nubentes viver! O que aqui vai de moral e filosofia, S.. Mas prossigamos: O fim da vida de todo o homem, qualquer que seja a sua situação, é a santificação, a perfeição da sua vida. É este o elemento do espírito de toda a alma normal. Ouça S. Paulo aos Romanos: — «Esta é a vontade de Deus a vossa santificação». — Sabendo o fim, resta-nos empregar os meios. Estes estão na vida de todo o homem, sendo o primeiro o trabalhador honesto. S. Paulo diz aos Coríntios — «quem não trabalha não come». Desde que saibamos que o nosso fim é chegar a Roma, não importa os meios que empregemos para lá chegarmos, desde que no caminho procuremos sempre a perfeição, em espírito de honestidade. Entende?

Américo de Aguiar

TOJAL

CONFERÊNCIA — Na casa não existem senão dois amplos apartamentos térreos. Neles chove como na rua. Num, apenas uma camita com alguns farrapos de sarapilheira para agasalhar um corpo rústico, cansado e faminto.

É pois, numa casa tão simples, com inquietação e em silêncio profundo que a Sr.a Isaura espera o desenrolar rotineiro dos seus dias: Um caldito pelo meio-dia; um café pelo deitar.

A Senhora Isaura pertence-nos agora. E ainda a sua necessidade foi atendida com a oferta duma casa vaga do Património.

Nunca pensámos na recusa. A Senhora Isaura tinha de abandonar a barraca e a terra natal. Ela idosa e numa casa em local quase desértico, a todos ignora e mostra pena de deixar a única filha que lhe garante o caldinho sempre que pode. Os olhos assaltados pelas lágrimas, responde

tristonha e negativamente. Não nos melindramos. Tinha razão.

Fomos mais adiante. Desenrolando palavra a palavra, dentro em pouco havíamos conhecido um elenco enorme de parentes. E nós que conhecemos esses senhores todos!

Eramos três, os mais responsáveis, que ouvíamos a luta desesperadora e surda que, por vezes, é forçada a travar consigo mesma naquele desterro. Olhamos uns para os outros acenando a cabeça à uma, em jeito de desilusão e censura. Como se compreende senhores que, se vivem na vila, são os mais distintos pelo que sonam; se vivem na aldeia, deixam rasto de importantes à sua passagem, sujeitando todo aquele meio pequeno.

Com esta distinção e posses como é possível deixar na fome e no frio um corpo onde o sangue que corre é também o deles? É outro contra-senso.

Não quero dizer-vos mais nada generosos senhores, apenas que vos ajunteis e deliberéis renovar-lhe o telhado para que se baste de calafrios.

Zé do Porto

MIRANDA DO CORVO

— Podemos agradecer a Deus pela

boa produção de batata que tivemos este ano. Deus recompensou-nos muito bem pelo trabalho que tivemos em semeá-la.

Também temos muito milho, mas ainda na terra, visto não estar ainda em condições de ser apanhado porque a chuva não o tem deixado. Se Deus permitir que o bom tempo esteja de relação com a secagem do milho teremos muito. Mas se o tempo continuar chuvoso, como tem estado, parte do milho ficará estragado.

—Jogos: o ping-pong e o futebol são os divertimentos mais emocionantes que temos, mas falta-nos o principal. De certo que os amáveis leitores já adivinharam que precisamos de bolas para os dois referidos jogos.

Somos actualmente 70 rapazes e urge-nos por isso, muitos divertimentos para que os nossos não passem os recreios a olharem para as nuvens e também a jogarem à bogaíba que agora pegou a moda, desde o pequenino ao maior, devido à carência de bolas. Este jogo verifica-se mais com os maiores, do que com os pequenitos. O Cabouco, que conta 18 anos, é o rei!...

Não me deixem, portanto, ficar mal visto pelo meu primeiro pedido que faço no Famoso para que a malta, mais madura, não continue nesta vida... Depois, eu cá estarei para agradecer em nome de todos.

Qual será o primeiro a levantar o dedo?

—Colónias: Acabaram, há dias, na Senhora da Piedade de Tábuas de Miranda do Corvo as Colónias de Férias do Garoto da Baixa de Coimbra.

Os turnos prolongaram-se durante os meses de Julho e Agosto. A estadia dos pequenos na serra, desde a chegada à partida, toda ela foi cheia de espectáculos de beleza, encanto e simplicidade. Ali, muitos foram dormir pela primeira vez numa cama; muitos foram comer pela primeira vez, o caldo quente e saboroso; muitos foram ali conhecer Deus!...

—Actualmente estão a passar férias neste Santuário de Nossa Senhora da Piedade de Tábuas os seminaristas do Seminário Menor da Figueira da Foz.

—O nosso retiro anual, que habitualmente tem sido nos fins dos mês

